

EM LIBERDADE E O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS: DIÁLOGOS E CONVERGÊNCIAS.

Célia Aparecida Ribeiro RODRIGUES (PG/FL - bycelia1@gmail.com);
Marilúcia Mendes RAMOS (D/FL - profamariluciaramos@gmail.com)

Palavras-chave: Estudos comparados; autoritarismo; Saramago; Santiago.

Introdução

No presente artigo pretende-se discutir as relações entre história e literatura, objetivando a reflexão acerca do autoritarismo do estado, sobre a vida dos cidadãos, tomando para cotejo dois romances, ambos publicados na década de 80, mas que apresentam enredos ambientados na década de 30, no Brasil e em Portugal, respectivamente. Um, do escritor/crítico/ensaísta/professor brasileiro Silviano Santiago e outro do escritor português José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura em Língua Portuguesa, morto em meados de 2010.

A observação do diálogo entre os textos, tais como a revisitação de autores, tomados como personagens, o trabalho com a metalinguagem, a presença da ironia, a temática social e a ambientação das narrativas numa época histórica comum nos dois países – os anos que antecedem à Segunda Guerra Mundial, especificamente o período compreendido entre 1935 e 1937, período em que Brasil e Portugal viviam sob regimes de governo de características totalitárias – possibilitou a aproximação.

Tal período, no Brasil, foi marcado pelo pseudo-paternalismo de Vargas, que tentava ganhar o apoio popular, defendendo algumas conquistas dos trabalhadores, mas preparando, ao mesmo tempo, um golpe de estado com características fascistas. Em Portugal, a situação não foi diferente, aliás, bem semelhante: o Estado Novo de Antonio Salazar representou um regime político autoritário e corporativista, com influências evidentes da prática do Fascismo Italiano.

O primeiro romance, em forma de diário, teria sido escrito pelo autor das *Memórias do Cárcere*, o escritor Graciliano Ramos, ao sair da prisão nos primeiros dias do ano de 1937. O autor alagoano teria confiado o diário a um amigo, recomendando sua posterior destruição, mas este último viria a falecer e os originais do diário teriam sido enviados a

um professor de literatura que o teria publicado. Esta é a trama ousada para construir o narrador. Assim pode-se inteirar dos primeiros dias de Graciliano Ramos em liberdade: os problemas de saúde, a precária situação financeira, sua visão do Rio de Janeiro, sua apreciação acerca da política e dos intelectuais que o cercam. Hospeda-se inicialmente na casa do escritor José Lins do Rego, autor de *Menino de Engenho*, depois se muda para uma pensão no Catete e reinicia sua vida como escritor.

O segundo, está ambientado no ano de 1936, ano da morte do heterônimo de Fernando Pessoa, o poeta clássico Ricardo Reis, personagem principal. Ricardo Reis regressa a Portugal, oriundo do Brasil, após a morte de Fernando Pessoa, instala-se no hotel Bragança, em Lisboa. Lá, conhece Lídia, não a musa de suas odes, mas a camareira do hotel, com quem inicia um relacionamento. Recomeça a trabalhar como médico que fora, recebe visitas de Fernando Pessoa, morto no ano anterior, e, acompanha, por meio da leitura dos jornais portugueses e comentários dos hóspedes do hotel, o delicado momento político vivenciado por seus compatriotas. É intimado a comparecer à polícia para prestar esclarecimentos acerca de sua (in)atividade. Transcorridos oito anos da efetiva liderança de Salazar, o povo português conheceu os primeiros resultados da ditadura – situação essa representada no decorrer da narrativa.

Material e métodos

Antonio Candido (2008) argumenta que para se entender a singularidade e a autonomia da obra literária faz-se necessário considerar os elementos de ordem social, na medida em que os mesmos interferem na tessitura do texto. Assim deve-se proceder se se deseja tentar desvendar os diálogos entre os objetos dessa investigação, os romances *Em Liberdade*, publicado em 1981, e *O ano da morte de Ricardo Reis*, publicado em 1984, nos quais os autores exercitam a tentativa de representação da vivência social, pela experimentação literária, na medida em que cidadãos considerados pelo regime como “comunistas”, dentre eles alguns intelectuais, do Brasil e de além-mar, foram alvo de violências e limitações variadas, impostas pelo Estado, em nome da ordem e da manutenção do crescimento econômico.

Conforme Ginzburg: Umbach (2000, p. 238), o autoritarismo é um “regime político em que existe um controle da sociedade por parte do Estado, que manipula as formas

de participação política e restringe a possibilidade de mobilização social”, no qual os intelectuais são cooptados, o Estado se volta para os próprios interesses e o setor militar toma a seu cargo o papel de manter a ordem. E Hannah Arendt (1989) fazendo a distinção entre estado totalitário e regimes autoritários, assevera que “o princípio do líder não estabelece nenhuma hierarquia no primeiro, a autoridade não se filtra de cima para baixo através de todas as camadas intermediárias até a base da estrutura política” (Arendt, 1989: 454). Segundo ela, o domínio totalitário visa à abolição da liberdade, enquanto o autoritarismo visa a restringir ou limitar e nunca abolir. Nesse sentido, essa autora emprega o termo “semitotalitário” para indicar as ditaduras surgidas antes da Segunda Guerra Mundial em diversos países europeus, como na Romênia, Polônia, Hungria, em Portugal e na Espanha.

Com o apoio teórico desses autores, busca-se o cotejo entre as narrativas na tentativa de observar os diálogos e convergências apresentados na referência desse autoritarismo, considerando-se o imbricamento entre literatura e história.

Resultados e discussão

As representações do autoritarismo se evidenciam nos dois textos, uma vez que na tessitura do enredo está presente a reelaboração do discurso histórico por narradores em primeira pessoa no romance *Em Liberdade* e em terceira na narrativa *O ano da morte de Ricardo Reis*, “dando voz ao oprimido”. No caso do primeiro, ganha voz o personagem/intelectual/escritor Graciliano Ramos que, embora livre da prisão, se sente aprisionado, e apresenta, dentre outros questionamentos e denúncias, os de que “Não há neste país, a possibilidade de um diálogo concreto no campo político. Isto é triste e torna-me cético com relação ao meu instrumento de ação por excelência: a palavra” (SANTIAGO: 1981,34), e acrescenta que a palavra ou é elogiosa, e o “autor tem lugar no reino dos bem-aventurados, ou é crítica, e “é imediatamente calada por torturas infernais”. De modo idêntico temos o personagem/escritor/heterônimo Ricardo Reis, que chamado a se apresentar à polícia: “...lê e torna a ler a intimação, queira comparecer para ser ouvido em declarações, mas porquê, ó deuses, se eu nada fiz que me possa ser apontado, não devo nem empresto, não conpiro...” (SARAMAGO: 1988, 170).

E a denúncia do autoritarismo continua na voz do narrador: “Ficou Ricardo Reis a saber que a polícia onde terá de apresentar-se na segunda-feira é lugar de má fama e de obras piores que a fama, coitado de quem nas mãos lhe caia, ele são os castigos, ele são os interrogatórios a qualquer hora...” (SARAMAGO: 1988,173). Já em *Em Liberdade* o autor do diário/narrador reflete acerca do ofício do escritor naquele contexto “Qualquer narrativa, por mais subjetiva que fosse, qualquer detalhe elaborado, por mais insignificante que pudesse aparecer, qualquer nome, desde que escrito com todas as letras, poderiam ser usados, maquiavelicamente, contra nós, pelos acusadores.” (SANTIAGO: 1981,62). Para o personagem/escritor “a saída para o intelectual no Brasil é a de ser funcionário público, vivendo a realidade em duas metades, só podendo enxergar a verdade se fechar um olho.” (SANTIAGO: 1981,36).

Em virtude do modo de construção das duas obras, pretende-se investigar se e como as estratégias utilizadas pelos dois autores, ao colocar escritores como personagens, aproximam ou se contrapõem.

Pergunta-se, a priori, a motivação de Saramago em escolher um poeta clássico, “espectador do espetáculo do mundo” sofrendo as ações desse “espetáculo”. Certamente por uma razão ideológica, para a qual as epígrafes do romance: “sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo” (Ricardo Reis) e “Escolher modos de não agir foi sempre a atenção e o escrúpulo de minha vida” (Bernardo Soares), já apontam, a perspectiva da oposição. Assim, o romance trabalha com contrastes: ao aristocrático e até certo ponto desocupado Ricardo Reis, José Saramago opõe um país em convulsão, sob a ditadura de Salazar, que reflete as grandes convulsões europeias da época. Ricardo Reis cria uma arte sem ressonâncias sociais e, por isso mesmo, ao ver de Saramago, aliena-se em relação à realidade que o cerca.

Em fina ironia Graciliano/personagem/autor ironiza o conceito do espetáculo, ao elaborar o seguinte comentário em razão da proximidade do carnaval: “Os regimes fascistas têm loucura pelo espetáculo. Através destes, confundem a alegria e a tristeza, justificam a morte (o sacrifício da) com o oropel barato das fantasias de carnaval.” (SANTIAGO: 1981,147). Interessante ainda a observação do “espectador do mundo”, comparando o carnaval em terras lusitanas e brasileiras “Ai como é diferente o carnaval em Portugal. Lá nas terras de além e de Cabral, onde canta o sabiá e brilha o Cruzeiro

do Sul, sob aquele céu glorioso, e calor, e se o céu turvou, ao menos o calor não falta, desfilam os blocos dançando avenida abaixo...” (SARAMAGO: 1988,156) e conclui com a assertiva “... é assim no carnaval, nada parece mal”. Ambos os narradores recobrem suas falas com o recurso da ironia, como sugerem os fragmentos, embora em Silvano o tom seja de denúncia e no de Saramago de ironia, pois os blocos vão “dançando ladeira abaixo”.

Conclusões

Tanto Santiago quanto Saramago, escritores conscientes de seus ofícios, parecem dizer que o papel do escritor e da escrita é o da participação social, e não o de contentar-se com o “espetáculo do mundo”. São o que Abdala Júnior (2003) nomeia de “radar sociocultural”, sabem que as estruturas textuais são “elementos geradores de significado”. Buscam assim, contribuir para a reflexão crítica em relação às arbitrariedades cometidas por regimes autoritários, em qualquer parte do mundo.

Referências bibliográficas

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura: história e política*. São Paulo: Ática, 1989.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- GOLDMAN, Lucien. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- GINZBURG, Jaime; UMBACH, Rosani Ketzer. *Literatura e autoritarismo*. In: COSSON, Rildo (Org.). *2000 palavras: as vozes das Letras*. Pelotas, RS: PPG-Letras, UFPel, 2000.
- SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SANTIAGO, Silvano. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.